

UMA PERSONAGEM QUE DEU O QUE FALAR

Vanda Luiza de Souza Netto*

RESUMO

Este artigo pretende destacar alguns aspectos do estudo onomástico em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, selecionando o nome da personagem Plácida e as possíveis implicações significativas percebidas na obra e nos múltiplos recursos utilizados na construção da personagem, dentre elas a escolha do nome.

Palavras-chave: Onomástico; significado; plácida; dependência; contexto social.

A análise onomástica tem sido objeto de estudo desde a Antigüidade, o que podemos atestar pelo texto de Platão, intitulado *Crátilo*. Este registro clássico tornou-se célebre nos meios literários, justamente por relatar as considerações sobre “a justeza dos nomes”, num extenso diálogo entre Sócrates, Hermógenes e Crátilo. A discussão gira em torno de dois pontos de vista: se os nomes são criados por convenção ou se pela natureza do sujeito. Sócrates usa de seus recursos retóricos para conduzir seus interlocutores pelos meandros da reflexão a respeito das “justeza dos nomes”. Para o mestre grego *o nome é instrumento para informar a respeito das coisas e para separá-las, tal como a lançadeira separa os fios da teia*. (2001, p.152). O vocábulo onomástico, que significa relativo aos nomes próprios, tem justamente uma origem grega “ónoma”(nome), que deu origem ao vocábulo “onomaston” (a ser denominado), e Sócrates (2001, p.218) defende o princípio de que os nomes devem assemelhar-se tanto quanto possível à coisa representada.

Esta perspectiva clássica, à qual o leitor comodamente se acostumou, ditou as regras na literatura, o que facilitava bastante o entendimento de uma obra. Machado desconstrói estes princípios várias vezes em suas obras, pois nem sempre seus personagens têm afinidades com seus nomes próprios,

* Vanda Luiza de Souza Netto é mestranda em Estudos Literários (UFES).

são o contrário de seu significado, criando um jogo de opostos, levando o leitor à estranheza, com objetivos de chocar, ridicularizar ou com a intenção em que é um expert: de dissimular suas reais intenções.

A proposta deste artigo é de investigar as estratégias de Machado, com um olhar dedicado a uma das personagens femininas, em Memórias Póstumas de Brás Cubas. Não é uma tarefa simples escolher algum aspecto da obra de Machado, tal a riqueza de sua construção literária. Além disso a fortuna crítica do autor é das mais variadas, despertando novas e estimulantes abordagens, o que amplia muito as possibilidades mas também pode levar à paralisia, pela dificuldade em escolher em meio a tantos textos críticos ou teóricos. A riqueza da obra machadiana pode ser comparada ao ato de colar o olho a um caleidoscópio e admirar as 1001 possibilidades do Bruxo. Investigar as personagens principais, aquelas que carregam a história nas costas seria muito óbvio, especialmente o célebre auto-defunto/Brás. Por isto dirigimos o olhar para os personagens periféricos, e, com surpresa, ao efetuar uma leitura de garimpo, verificamos que a personagem Dona Plácida, a alcoviteira, é citada cerca de dezoito vezes, a partir do capítulo 67 até o capítulo 150. Definitivamente Dona Plácida é uma personagem secundária bem importante, uma falsa-secundária, ainda que ocupe na narrativa um cargo de serviçal. No capítulo 67, ela é apresentada ao leitor, como uma mulher, conhecida de Virgília, em cuja casa fora costureira e agregada. Aqui ela não tem nome ainda, apenas o designante *uma mulher*.

Dona Plácida atinge os limites da peculiaridade sem atingir a deformação caricatural. Roberto Schwarz, (1990, p. 100) ao falar sobre Dona Plácida em “A sorte dos pobres”, reflete sobre a desconsideração dos serviços prestados pelas pessoas pobres, no contexto social em que a obra de Machado está inserida. Não se trata de uma personagem escrava, e sim de uma prestadora de serviços livre, mas ainda assim em uma situação de dependência de favores, que a classe dominante sempre fez questão de manter inalterada em nosso país.

O nome Plácida, de acordo com o Dicionário etimológico da língua portuguesa, de Antenor Nascentes (1952, p. 246)¹, nos diz o seguinte: origem no Latim, “placidia”, adjetivo que sugere tranqüilidade, o que é confirmado pelo dicionarista Aurélio Buarque de Holanda, que fala em pessoa serena, mansa, sossegada, pacífica. A personagem Plácida criada por Machado traz estes atributos, mas ao longo da narrativa apresenta algumas atitudes que a fazem especial, talvez daí venha a frequência com que nos deparamos com a agregada de Virgília. A mulher é pessoa resignada que trabalhou muito, sofreu

¹ Todas as citações com apenas indicação de página referem-se à obra em estudo.

com doenças e dificuldades as mais variadas. Ganhou o sustento com trabalhos de costura, fazendo doces para fora, além de ensinar crianças do bairro. A personagem lutou com dignidade até onde foi possível. Derrotada talvez pelo cansaço desta luta inglória, é levada à degradação moral. O narrador/defunto/Brás se diverte com o processo meticuloso realizado por ele para conquistar a simpatia de Dona Plácida, o que é descrito no capítulo 70. A personagem sente-se humilhada ao perceber o arranjo feito pelos amantes Brás e Virgília, mas graças ao pecúlio de cinco contos de réis, Dona Plácida vendeu-se, e nas palavras de seu benfeitor “foi assim que lhe acabou o nojo” (ASSIS, 2001, p. 121). Agrados e dinheiro conseguiram destruir a resistência da caseira/alcoviteira, sendo que em uma leitura mais atenta percebemos nunca ter sido muito firme. Suas características casam perfeitamente com o nome, uma pessoa pacífica, que aceita as vicissitudes da vida com resignação, com certos pudores, mas nada que agrados e dinheiro não resolvam.

O autor-defunto dedica o capítulo 74 a contar a vida da alcoviteira, e o título é História de Dona Plácida, capítulo que é fruto de uma pratinha colocada na algibeira do vestido da serviçal. A pratinha estimula o relato da vida difícil que levou, e lembra-se que desde a infância lidava com os tachos de doces. Depois de longo tempo conheceu a família de Virgília e lá foi bem recebida, e revela ao final do relato que seu maior medo é terminar os dias na rua, pedindo esmolas. Brás, impiedosamente, não se comove com a história de Plácida, tanto que fala com seus botões: se Dona Plácida tivesse perguntado aos pais (um sacristão da Sé e uma doceira que freqüentava a igreja),

para que me chamastes? Eles responderiam: - chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia (p. 75).

No capítulo seguinte Brás continua a tecer considerações sobre Dona Plácida, ao levar um “repelão” de sua consciência. Reflete alguns segundos sobre a torpeza de seu ato em degradar uma pessoa tão sofrida, mas logo cala a voz da consciência com o aforismo cínico e desaforado: *o vício é muitas vezes o estrume da virtude*, já que, de uma situação humilhante para Dona Plácida, o estrume tornou-se adubo para uma vida melhor, ao mesmo tempo em que levava Brás a sentir-se uma pessoa caridosa e de boas intenções. A personagem D.P. é, sem dúvida, uma personagem aparentemente plácida, pois sob a superfície há uma variedade de referências históricas e sociais, contradizendo sua aparente calma. Sabemos que o nome é apenas um dos elementos que contribuem para a construção de uma personagem, mas o fato de ser o primeiro dado de individualização dá a medida de sua importância. Há,

segundo Cunha (1984, p. 116), uma conexão íntima do nome com a personalidade, o que torna o nome especial, pois designa, evoca e sugere. No capítulo 84, Dona Plácida revela-se uma personagem regida pelo senso-comum, típico das classes mais humildes, repleta de ingenuidade e aceitação:

Mas eu preferia a pura ingenuidade de Dona Plácida, quando confessava não poder ver um sapato voltado para o ar:

- Que tem isso? Perguntava-lhe eu.

- Faz mal, era sua resposta.

Brás cita o caso da criação de verrugas, resultante do ato de apontar uma estrela com o dedo, todas estas superstições que fazem parte da personagem. Em outro capítulo, o 103, chega ao requinte de dar razão a Dona Plácida, que o repreende pelo atraso de uma hora em um encontro de amor com Virgília. Em um mesmo parágrafo refere-se à mulher por duas vezes como “coitada de Dona Plácida! Com a ênfase de pontos de exclamação, ao perceber a aflição da alcoviteira com os arrufos dos apaixonados. No capítulo 104 exerce, com especial sabedoria e competência, seu encargo de guardiã dos amantes, ao perceber que o marido traído vinha chegando. – Virgem Nossa Senhora! aí vem o marido de Iaiá! Prontamente, Dona Plácida (nem tão plácida assim, na verdade cheia de expedientes) assume-se como dona da casa e informa a Lobo Neves a presença de Virgília que veio lhe fazer uma visita. Brás está escondido na alcova, e após a partida do casal, a alcoviteira deixa-se cair em uma cadeira, esgotada pela tensão do acontecimento.

Virgília não esquece de sua agregada e, ao partir com o marido recomenda a Brás que não a desampare. No entanto, tempos depois, ao receber um bilhete de Virgília pedindo que leve Dona Plácida para a Santa Casa de Misericórdia, por estar muito doente, declara: Que maçada! Não vou. (capítulo 143) Tudo porque ele achava que já tinha feito muito pela alcoviteira/doceira/costureira, ao dar-lhe os cinco contos de réis no passado. Após refletir durante à noite, no entanto, decide visitar a mulher e ajudá-la; após uma semana internada na Misericórdia, Plácida vem a falecer. Nas palavras secas de Brás, sua morte foi lacrada assim: *Minto: amanheceu morta; saiu da vida às escondidas, tal qual entrara* (capítulo 198), como se unisse as pontas de um laço, fechando a história da personagem. Brás reflete sobre a utilidade da vida de Dona Plácida: apenas para servir aos amores com Virgília. A última referência à personagem está no capítulo 150, em que Brás compara a morte de seu jornal, com apenas seis meses de vida à morte clandestina e discreta de Dona Plácida.

Ao contemplar uma personagem secundária com tantas citações e dar-lhe o nome de Plácida, uma pessoa serena e ingênua, mas possuidora da esperteza dos sobreviventes, dos que passam a vida apenas mantendo-se à

tona, não estaria Machado querendo “dizer” por meio de “outro dizer”? Ou seja, não seria esta personagem um modo de sutilmente mais uma vez mostrar a espoliação da dignidade a que tantas pessoas humildes são submetidas? A discussão está aberta, pois entendemos que este é mais um dos inúmeros piparotes de Machado, que saltam de sua obra e atingem o leitor.

Referências

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

CHALHOUB, Sidney. Ciência e ideologia em Memórias Póstumas de Brás Cubas. In: _____. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

CUNHA, Celso. Poética e onomástica em Os Lusíadas. In: _____. *Língua e Verso*. 2. ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1984.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Plácida. In: _____. *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975. p. 1097.

NASCENTES Antenor. Plácida. In: _____. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1952. p.246.

PLATÃO. Crátilo. In: *Teeteto-Crátilo*. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2001.

SCHWARZ, Roberto. A sorte dos pobres (Eugenia, Dona Plácida, Prudêncio). In: _____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Livraria duas cidades, 1990.